



Revista Educação Especial

ISSN: 1808-270X

revistaeducaçãoespecial.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Telles dos Santos, Marcelli Evans; Lara, Simone; Folmer, Vanderlei  
Inclusão escolar: possíveis contribuições da fisioterapia sob a óptica de professoras  
Revista Educação Especial, vol. 28, núm. 51, enero-abril, 2015, pp. 65-79

Universidade Federal de Santa Maria  
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313132931006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# **Inclusão escolar: possíveis contribuições da fisioterapia sob a óptica de professoras**

*Marcelli Evans Telles dos Santos\**

*Simone Lara\*\**

*Vanderlei Folmer\*\*\**

## **Resumo**

A inclusão escolar tem causado debates entre profissionais da área de educação e da saúde. Neste contexto, a participação da fisioterapia pode contribuir para que o aluno desenvolva suas potencialidades no ambiente escolar. Entretanto, esta área é pouco explorada e ainda são restritos os trabalhos em relação à atuação do fisioterapeuta como membro integrante de um grupo de apoio à escola, que realiza a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Sendo assim, este estudo teve como objetivos verificar as percepções de profissionais, que atuam nas salas de recursos, em relação às possíveis contribuições da fisioterapia na inclusão escolar e conhecer as principais dificuldades encontradas por esses profissionais. Fizeram parte do estudo oito professoras de três escolas estaduais de Uruguaiana-RS. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada, que foi realizada individualmente, gravada e posteriormente transcrita para a análise. Os dados coletados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2004). Os resultados mostram que as entrevistadas possuem uma concepção positiva em relação à fisioterapia na inclusão de escolares, pois reconhecem a sua importância e também possuem conhecimento sobre as possíveis formas de contribuição. Diante dos relatos, foi possível concluir que existem possibilidades da fisioterapia poder contribuir na inclusão escolar e também há a necessidade do profissional fisioterapeuta disseminar conhecimento sobre a sua atuação para a comunidade universitária e escolar.

**Palavras-chave:** Educação Especial; Sala de recurso; Fisioterapia na inclusão escolar.

\* Doutoranda da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

\*\* Professora Doutora da Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil.

\*\*\* Professor Doutor da Universidade Federal do Pampa. Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil.

## School inclusion: possible contributions of physical therapy from the perspective of teachers

### Abstract

The school enrollment has caused debate among professionals in education and health. In this context, the participation of the physiotherapist can help the students to develop their potential in school. However, this area is little explored and the work regarding the role of the physiotherapist as an integral member of a school support group that performs the inclusion of pupils with special education needs still is restricted. Therefore, this study has aimed at investigating the perceptions of professionals working in resource rooms, in relation to the possible contributions of physical therapy in school inclusion and meet the main difficulties faced by these professionals. Study participants were eight teachers from three state schools in Uruguaiana-RS. The instrument used was a semi-structured interview, which was conducted individually, recorded and later transcribed for analysis. The collected data were analyzed according to Bardin's content analysis (2004). The results show that the respondents have a positive view regarding the inclusion of physical therapy school, as they recognize its importance and also have knowledge about the possible forms of contribution in this context. In view of the reports it was concluded that there are possibilities of physical therapy contributing to the inclusion of school and there is also the need for the physiotherapist to disseminate knowledge about the performance for the university community and school.

Keywords: Physical therapy; School inclusion; Special Education.

### Introdução

A fisioterapia é uma das áreas da saúde que atua desde a prevenção até o processo de reabilitação, sendo um campo de atuação profissional que tem se ampliado consideravelmente nos últimos anos. O exercício do fisioterapeuta em escolas e creches é assegurado pelo código de ética profissional e, no processo de inclusão de escolares com necessidades educativas especiais, se faz de fundamental importância (CHESANI, 2007; BRASIL, 1969). Como ciência que trata de distúrbios do movimento humano, a fisioterapia utiliza conhecimentos e recursos próprios para promover, aperfeiçoar ou adaptar o indivíduo a melhoria da qualidade de vida. As intervenções de caráter preventivo ou reabilitador, em diferentes áreas de atuação, são uma necessidade crescente, entretanto, a atuação desse profissional na saúde do escolar é pouco explorada e, especialmente voltada à inclusão escolar, ainda é pouco conhecida até mesmo entre os próprios fisioterapeutas (MEDEIROS; BECKER, 2009; CHESANI, 2007; BERNARDI, 2007).

A questão da inclusão escolar vem sendo discutida no Brasil desde 1988, quando a Constituição Federal garantiu a educação para todos. Mais precisamente, a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais é um direito garantido pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394, de

20/12/1996 (trata, especificamente, no Capítulo V, da Educação Especial). Entende-se por estudantes com necessidades educativas especiais (NEE) os que sentem dificuldades no processo de aprendizagem, resultantes da interação entre fatores ambientais (físicos e sociais) e/ou limitações nos domínios sensoriais (audição evisão), motor, cognitivo, fala, linguagem e comunicação, emocional e personalidade e saúde física (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003).

Segundo Mantoan (2003), a inclusão escolar não prevê a utilização de métodos e técnicas de ensino específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta essa condição e explorará convenientemente as possibilidades de cada um.

A proposta da inclusão enfatiza, dentre outros aspectos, que os sistemas de ensino devem respeitar e atender às necessidades educacionais das pessoas com deficiência na classe regular. Porém, nem sempre isso ocorre, pois muitas escolas não estão preparadas no seu aspecto arquitetônico e nem seus professores capacitados para trabalhar com a inclusão (CAMPOS; DUARTE, 2011; CERQUEIRA, 2008).

A nova política nacional para a Educação Especial propõe o desaparecimento das escolas e classes segregadas. De acordo com o Decreto 6.571, de setembro de 2008, o atendimento especializado continua existindo apenas no turno oposto, para tanto, as escolas dispõem de vários serviços, recursos e estratégias como salas de recursos multifuncionais ou de apoio pedagógico, atendimento educacional especializado, etc (BRASIL, 2008). Ensinar os conteúdos das disciplinas passa a ser tarefa do ensino regular e o profissional da Educação Especial fica na sala de recursos para dar apoio com estratégias e recursos que facilitem a aprendizagem (MANTOAN, 2006).

A sala de recursos é entendida, segundo a Secretaria de Educação Especial, como um ambiente de natureza pedagógica, orientado por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns da rede regular de ensino (ROCHA, 2009). Rocha (2009) cita que, na visão inclusiva, o atendimento educacional especializado, através da sala de recursos, deve ser destinado a todos que tiverem alguma necessidade educacional especial, seja ela temporária ou permanente. Ainda, aponta que o foco agora é a qualidade de ensino para todos, os esforços serão somados através de recursos, tecnologias, materiais didáticos, para favorecer não apenas um grupo restrito, mas todos os alunos que necessitarem de atenção especial para atingirem o sucesso escolar (ROCHA, 2009).

Neste contexto, a participação do fisioterapeuta se faz necessária, podendo contribuir para que a criança com necessidades educacionais especiais desenvolva suas potencialidades no ambiente escolar. O fisioterapeuta busca, através de sua visão global e de seus conhecimentos a respeito do desenvolvimento neuropsicomotor, facilitar a aquisição/aprimoramento de certas habilidades e conceitos necessários, pré-rios ao processo de alfabetização (BERNARDI, 2007).

Partindo desses pressupostos, ainda verifica-se a escassez de estudos que envolvam a atuação fisioterapêutica no processo de inclusão escolar e a parceria entre profissionais da saúde e educação neste campo de atuação. Deste modo, este estudo teve como objetivos conhecer as principais dificuldades vivenciadas pelos profissionais que atuam nas salas de recursos e verificar suas concepções em relação às contribuições da fisioterapia na inclusão de escolares, ampliando as discussões e salientando a importância desse profissional da saúde na inclusão escolar.

## Método

Este é um estudo de caráter qualitativo e de natureza descritiva, que foi desenvolvido no município de Uruguaiana – RS, nas três escolas estaduais que dispõem de sala de recursos pedagógicos para atender escolares com necessidades educativas especiais. Essas escolas são atendidas pela 10<sup>a</sup> Coordenadoria Regional de Educação e encontravam-se em processo de transição da nomenclatura para “sala de recursos multifuncionais”.

O universo deste estudo foi constituído de uma amostra por conveniência, ou seja, participaram as pessoas que estavam à disposição no momento da entrevista e aceitaram participar de forma voluntária. Os sujeitos da pesquisa foram oito professoras, isto é, todas as profissionais que atuam nas salas de recursos pedagógicos da rede estadual de ensino, com exceção de uma professora que se encontrava em licença por problemas de saúde. Para garantir o anonimato, os participantes do estudo foram tratados com nomes fictícios, baseados em nomes de flores: Azaléia, Begônia, Girassol, Hortência, Margarida, Orquídea, Tulipa e Violeta.

Após o estudo obter um parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, as escolas e os participantes foram informados sobre o presente estudo e convidados a participar de forma voluntária, consentindo sua participação através da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O instrumento utilizado para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, apoiada em um roteiro elaborado pelos pesquisadores deste estudo, o qual apresentava três questionamentos. O roteiro era composto dos seguintes eixos temáticos: obstáculos e desafios vivenciados pelas professoras em relação aos alunos, concepções sobre a atuação da fisioterapia e contribuições da fisioterapia na inclusão escolar.

As entrevistas foram gravadas com mp3 portátil e, posteriormente, foram transcritas para a análise. Os resultados das entrevistas (relatos das professoras) foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin (2004), que se constitui da pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação visando à categorização das respostas obtidas.

## Resultados e discussão

Participaram deste estudo oito profissionais que estavam atuando nas salas de recursos com alunos com necessidades educativas especiais, todos eram do gênero feminino e a idade das entrevistadas variou entre trinta e quatro anos e sessenta e um anos (quadro 1).

**Quadro 1** – Características das participantes do estudo.

Entrevistadas	Idade	Formação Acadêmica	Pós-Graduação
Azaléia	44 anos	Pedagogia	Não
Begônia	61 anos	Pedagogia	Especialização em Educação Especial
Girassol	48 anos	Sem nível superior	Não
Hortência	34 anos	Pedagogia	Especialização em Psicopedagogia, Educação Inclusiva e Libras
Margarida	43 anos	Educação Especial	Não
Orquídea	52 anos	Pedagogia	Especialização em Educação Inclusiva
Tulipa	46 anos	Pedagogia	Especialização em Libras
Violeta	47 anos	Letras	Especialização em Libras

Em relação aos aspectos da formação acadêmica, cinco possuem graduação em Pedagogia, uma em Educação Especial, uma em Letras e uma não possui nível superior. Quanto a cursos de capacitação, cinco participantes realizaram, uma para atender alunos com superdotação/altas habilidades, uma para autistas e psicose, uma para deficiência visual e duas para atender surdos e deficientes auditivos. Cinco das entrevistadas possuem pós-graduação em nível Lato Sensu.

O tempo de atuação com crianças com necessidades educativas especiais variou de nove a trinta anos, ainda, três trabalharam com classe regular previamente e duas participantes do estudo estavam em processo de aposentadoria. Além disso, estavam sendo atendidos, no momento da entrevista, vinte e dois alunos com deficiência intelectual, dez com autismo, nove com baixa visão e cegueira e dezessete com deficiência auditiva.

### Obstáculos e desafios vivenciados

Dentre os problemas enfrentados pelas participantes do estudo, conforme ilustram a tabela 1 e o quadro 2, a falta de comprometimento familiar foi a mais relatada, três professoras citaram este obstáculo, assim como no estudo realizado por Medeiros e Becker (2009) com 39 professores da Rede Pública de Ensino Regular de um Município da Grande São Paulo, sobre as dificuldades vivenciadas pelos professores na inclusão escolar e as possibilidades de intervenção do fisioterapeuta. Ratliffe (2000) e Melli (2001) afirmam que as famílias devem ser incorporadas, o máximo possível, em todas as situações, pois os pais de crianças com deficiências sentem-se inseguros ao matricular seus filhos em escolas na rede de ensino regular por receio de discriminação e que o ensino não seja de qualidade. Quando se realiza um modelo centrado na família da criança com deficiência, tem-se um melhor resultado, mais colaboração entre esta e os profissionais.

Categorias	Frequência
1. Falta de comprometimento familiar	3
2. Falta de equipe multidisciplinar/interdisciplinar	2
3. Dificuldades motoras dos alunos	2
4. Falta de preparo/formação insuficiente	2
5. Aprendizagem efetiva e avaliação dos alunos	2
6. Inclusão efetiva	1
7. Falta de interesse dos colegas de trabalho	1

**Tabela 1:** Frequência dos obstáculos e desafios apresentados pelas professoras

Outro obstáculo, relatado por duas professoras, foi referente à falta de uma equipe multidisciplinar/ interdisciplinar para trabalhar na escola buscando contribuir com os alunos, pais e professores. O desejo de trabalhar em equipe também foi encontrado no estudo de Melo e Ferreira (2009), que abordou o cuidar do aluno com deficiência física na educação infantil sob a ótica das professoras, mas precisamente identificou como as crianças com deficiência física são cuidadas no contexto da educação infantil e qual é a importância do profissional de saúde, segundo a visão dos professores. Percebe-se, também, nas falas, uma concordância com o que foi abordado no documento subsidiário à política de inclusão, publicado em 2005 pelo Ministério da Educação, o qual diz que se sabe que um professor sozinho pouco pode fazer diante da complexidade de questões que seus alunos colocam em jogo. Por este motivo, a constituição de uma equipe, que permita pensar o trabalho educativo desde os diversos campos do conhecimento, é fundamental para compor uma prática inclusiva junto ao professor (PAULON; FREITAS; PINHO, 2005). Para atender com qualidade os alunos com necessidades especiais, a escola precisa modificar-se, oferecer qualificação e capacitação ao professor para um trabalho em equipe, com fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, assistente social, entre outros (HOEFELMANN, 2001). Segundo Durce et al. (2006), a inclusão exige o envolvimento de todos os profissionais que atendem esses alunos nos diferentes níveis de ensino e áreas do conhecimento.

As dificuldades motoras que os estudantes apresentam foi outro desafio, apontado por duas entrevistadas. Conforme os relatos de Begônia e Girassol (quadro 2), constata-se que as dificuldades motoras apresentadas pelos alunos se transformam em um obstáculo vivenciado por elas, devido ao fato de não estarem preparadas ou não obterem formação suficiente para atuar com esta situação. A falta de preparo e crítica a formação inicial também foi encontrada na fala de Azaléia. Girassol e Azaléia não possuem formação específica para trabalhar com educação especial, logo isso é refletido em seus relatos. Referente a esse aspecto, Farias (2003) acredita que a capacitação seja o primeiro passo para a inclusão escolar dar certo e afirma, de modo geral, que a mesma é o que assegura o progresso, a qualidade e a manutenção de todos os alunos na escola, porque, preparado, o professor terá competência para avaliar qual aluno poderá ser favorecido ou não pela inclusão, o tipo de atendimento que vai favorecer o seu desenvolvimento, entre outras coisas.

Além disso, algumas entrevistadas apresentaram preocupação quanto à aprendizagem, avaliação e inclusão efetiva dos alunos na classe regular. O conceito de escola inclusiva, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial, implica em uma nova postura da escola regular, que deve propor no seu projeto político pedagógico, currículo, metodologia, avaliação e nas estratégias de ensino, ações que favoreçam a inclusão social e práticas educativas diferenciadas que atendam a todos os alunos (BRASIL, 1998). Mantoan (2003) afirma que o sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades e desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e as limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino.

**Quadro 2** – Relatos das dificuldades vivenciadas pelas professoras.

Categorias	Relatos das professoras
Falta de comprometimento familiar	<p>– <i>Preocupação em relação à vinda deles aqui. muita resistência dos pais em trazerem no turno inverso, os pais não dão a devida importância</i> (Margarida).</p> <p>– <i>A maior dificuldade encontrada é o comprometimento da família</i> (Tulipa).</p>
Falta de equipe multidisciplinar/interdisciplinar	<p>– <i>O psicólogo marca as visitas muito longe, fisioterapeuta e fonoaudiólogo não existem</i> (Begônia).</p> <p>– <i>Falta de equipe multidisciplinar. a supervisão não se envolvia com a educação especial</i> (Hortência).</p>
Dificuldades motoras dos alunos	<p>– <i>Problemas motores que precisariam de profissionais capacitados</i> (Begônia).</p> <p>– <i>Eles têm muitas dificuldades motoras. Não somos habilitadas para trabalhar a parte motora tipo equilíbrio</i> (Girassol).</p>
Falta de preparo/formação insuficiente	<p>– <i>Dentro de um curso para educação especial que abrange a sala de recursos, ali dentro tu vai trabalhar as deficiências, mas assim muito pouca [...] imagina, quantos erros a gente comete por não saber mesmo, por realmente estar sem o conhecimento</i> (Azaléia).</p>
Aprendizagem efetiva e avaliação dos alunos	<p>– <i>A minha maior preocupação é o crescimento pedagógico deles, mais me preocupa a aprendizagem isso a gente não consegue desenvolver dentro da sala, a gente tenta</i> (Girassol).</p> <p>– <i>Dificuldade de avaliação da deficiência mental</i> (Hortência).</p>
Inclusão efetiva	<p>– <i>Eles estão socializados entre eles, entre aspas, dentre do ambiente que estão acostumados, agora numa sala de aula ficar sentadinho quatro horas numa classe. vai ficar muito difícil</i> (Girassol).</p>
Falta de interesse dos colegas de trabalho	<p>– <i>A educação física, os alunos não participam os professores não tem interesse em incluí-los na educação física e por não praticarem atividade reflete na coluna</i> (Margarida).</p>

A entrevistada Margarida, única que possui formação acadêmica específica em Educação Especial, ainda expressou ser uma preocupação a falta de interesse dos próprios colegas de trabalho, dentro da escola, em contribuir com a inclusão, mais especificamente o profissional de educação física. Para Sasaki (1997), a desinformação é um grande inimigo da integração entre os deficientes na sociedade, traz a subinformação do deficiente ser uma pessoa sem as mínimas condições de trabalho. Essas ideias devem ser combatidas pelos profissionais que trabalham com essas crianças. Na presença de deficiência física, há dificuldades específicas, as quais podem interferir na habilidade do movimento, na coordenação, na exploração do meio ambiente e no processo do desenvolvimento motor. Por apresentarem tais dificuldades, estas crianças ficam suscetíveis ao participarem dos momentos de lazer e brincadeiras, incluindo o espaço do parque e as atividades que necessitam e exploram as habilidades motoras e sensoriais (HEYMEYER; GANEM, 2004; LORENZINI, 2002). Silva, Santos e Ribas (2011) em seu estudo, como uma maneira de intervenção da fisioterapia no contexto escolar, elaboraram uma cartilha com sugestões para facilitar a participação dos alunos nas aulas práticas de educação física a qual foi entregue ao professor desta disciplina.

Ademais, algumas professoras apontaram como soluções, para minimizar as dificuldades enfrentadas, a existência de um polo que atendesse escolas delimitadas ou um determinado número de alunos ou ainda que houvesse na própria escola um espaço adequado e recursos para que outros profissionais pudessem atuar, e dessa forma, auxiliá-las.

### Concepções sobre a atuação da Fisioterapia

Ao investigar a opinião das entrevistadas em relação ao papel da fisioterapia na inclusão de escolares com necessidades educacionais especiais, unanimemente, as professoras julgaram ser muito importante e essencial a atuação do fisioterapeuta. O mesmo não ocorreu no estudo de Medeiros e Becker (2009), eles encontraram que dois professores não consideravam necessário o fisioterapeuta na escola.

Conforme é representado no quadro 3, na fala de Azaléia, é possível identificar a necessidade e a importância da educação e a saúde caminharem juntas no contexto escolar. Segundo Glat et al. (2006), educação e saúde são áreas indissociáveis no atendimento a pessoas com necessidades especiais, sejam as que possuem deficiências físicas ou demais condições orgânicas que afetam a aprendizagem e o desenvolvimento global. A articulação e complementaridade das ações dessas duas áreas é premissa básica para a promoção da qualidade de vida desses indivíduos.

Por outro lado, as entrevistadas Hortência, Margarida e Orquídea descreveram a importância da fisioterapia através de situações peculiares que este profissional poderia atuar, expressando, também, o quanto é fundamental a presença do fisioterapeuta para auxiliar na inclusão escolar. O fisioterapeuta, juntamente com uma equipe formada por diferentes profissionais da saúde, pode participar de orientações escolares, pode estar identificando as barreiras que a criança vai enfrentar no ambiente escolar, bem como as expectativas e as exigências para ela poder se desenvolver neste am-

biente, visando contribuir para melhorar o aprendizado da criança (PRADO, 2001). Cada profissional especializado em sua área específica, sendo ele o fisioterapeuta, o terapeuta ocupacional, o fonoaudiólogo, o psicólogo, entre outros, desempenharão os serviços de apoio juntamente com o corpo docente da escola, unindo, de maneira complementar, as áreas da saúde e da educação, objetivando o bem estar de todos os envolvidos (GIANGRECO; YORK; RAINFORTH, 1989).

**Quadro 3** – Concepções das participantes do estudo sobre a atuação da fisioterapia na inclusão escolar.

Categorias	Relatos das professoras
Importância como profissional da área da saúde de modo geral	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Todas as áreas da saúde seriam importantíssimas. Não é possível o trabalho da educação especial sem a saúde, chega a ser inviável a saúde longe, para dar certo tem que ter essa parceria. A saúde, com relação a alunos especiais, não pode de maneira nenhuma ficar separada da educação ou vice-versa (Azaléia).</i></li> <li>– <i>Viria ao encontro das nossas necessidades (Begônia).</i></li> <li>– <i>Acho que é essencial para eles (Girassol).</i></li> <li>– <i>Considero muito importante, pois a criança bem estimulada apresenta um bom desenvolvimento em todas as áreas (Tulipa).</i></li> <li>– <i>Seria muito bom e ajudaria o professor e o aluno (Violeta).</i></li> </ul>
Importância como profissional que atua em situações específicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>A fisioterapia se faz importante no trabalho motor, motricidade fina, ampla, direcionalidade, autonomia para o aluno que tem limitação no movimento, é fundamental (Horíncia).</i></li> <li>– <i>Viria acrescentar e enriquecer [...] colocaria a importância da fisioterapia a toda comunidade escolar (Margarida).</i></li> <li>– <i>Acho importantíssimo o papel da fisioterapia principalmente para alunos com deficiência física e alunos com paralisia cerebral (Orquídea).</i></li> </ul>

### Contribuições da fisioterapia na inclusão de escolares

A respeito da maneira que o profissional fisioterapeuta poderia atuar, foram mais relatadas ações de auxílio diretamente ao aluno, principalmente aqueles que possuem dificuldades motoras (tabela 2). Neste aspecto, o fisioterapeuta contribuiria trabalhando com a psicomotricidade, mais especificamente coordenação e equilíbrio (quadro 4). O estudo realizado por Medeiros e Becker (2009) encontrou na maioria dos relatos, como expectativa de contribuição do fisioterapeuta, o apoio ao professor e poucos apontamentos sobre o trabalho diretamente com o aluno, encontrou também, o auxílio com as situações motoras. A atuação da fisioterapia junto às dificuldades motoras que os alunos apresentam parece ser a ideia que os profissionais da educação têm sempre se questionado sobre o que a fisioterapia pode fazer no ambiente escolar, pois esse dado também foi encontrado no estudo de Chesani (2007).

Deliberato (2002) retrata bem a função do profissional fisioterapeuta ao afirmar que o mesmo deve conhecer e trabalhar o indivíduo em todos os seus aspectos biopsicossociais, não sendo apenas executor de técnicas e métodos. Como a criança é um ser em desenvolvimento, torna-se imprescindível uma conduta específica evolutiva de acordo com as fases do desenvolvimento neuropsicomotor, seguindo a ordem do progresso motor do indivíduo, visando sempre estimular esse desenvolvimento a fim de favorecer maior independência, autoconfiança e ampliação da relação da criança com o ambiente (LIMA, 2010). De acordo com Rosa Neto (2002), existe um grande número de profissionais de áreas diversas que utilizam a psicomotricidade em diferentes contextos e em diferentes faixas etárias, como em creches, escolas, escolas especiais, clínicas de reabilitação, clínicas multidisciplinares, consultórios e outros, dentre estes profissionais estaria o fisioterapeuta.

Categorias	Frequência
1. Suporte ao aluno através da psicomotricidade	3
2. Suporte ao professor e ao aluno	2
3. Suporte aos professores	1
4. Orientações a outros profissionais	1
5. Diagnósticos para conhecer as limitações e potencialidades	1
6. Outras contribuições	1

**Tabela 2** - Frequência das contribuições da fisioterapia para a inclusão de escolares com necessidades educativas especiais sob a óptica das professoras.

Outras ações de contribuições relatadas foram: suporte ao professor e ao estudante, suporte somente aos professores, repassar orientações aos demais profissionais que atuam com os escolares quanto à adaptação de materiais, uso de tecnologias assistivas e quanto à postura e ainda, realizar diagnósticos para conhecer as limitações e potencialidades do escolar. Somente uma professora não descreveu como a fisioterapia poderia atuar, pois, em sua opinião, dependeria da individualidade de cada aluno.

**Quadro 4** - Relatos das contribuições da fisioterapia para a inclusão de escolares.

Categorias	Relatos das professoras
Suporte ao aluno através da Psicomotricidade	<p>– <i>A contribuição seria no trabalho com o próprio aluno, sendo trabalhados os movimentos, a coordenação e equilíbrio (Orquídea).</i></p> <p>– <i>Psicomotricidade. Acredito que a fisioterapia daria uma enorme contribuição para os alunos especiais, principalmente para os que apresentam déficit motor (Tulipa).</i></p>
Suporte ao professor e ao aluno	<p>– <i>Trabalhar tanto com professores e com os alunos (Azaléia).</i></p> <p>– <i>Auxiliando o professor em sala de aula, trabalhando diretamente com o aluno (Violeta).</i></p>

Continuação Quadro 4

Suporte aos professores	– <i>Trabalharia junto com o titular da classe, ou num turno inverso ele poderia também fazer o seu trabalho e a gente estaria em contato com ele dentro da nossa realidade (Begônia).</i>
Orientações a outros profissionais	– <i>Com os profissionais que trabalham com esse aluno dando orientações tanto como cuidar da postura desses alunos, da adaptação de materiais, sobre o uso das tecnologias assistivas (Orquídea).</i>
Diagnósticos para conhecer as limitações e potencialidades	– <i>Primeiro fazer um diagnóstico que detectasse o problema que o aluno ta apresentando, fazer encaminhamento e conversar com o professor (Margarida).</i>
Outras contribuições	– <i>Depende da individualidade de cada um deles (Girassol).</i>

No ambiente escolar, a ideia central da fisioterapia é a de que o aluno com necessidades educacionais especiais desenvolva as suas potencialidades (CHESANI, 2007). Amaral (2002) aponta que para os alunos encontrarem realmente, na rede de ensino regular, um ambiente favorável deve haver não só espaço físico e condições de acesso, mas preparação do professor e da escola, bem como assistência e suporte de outros profissionais. Bertotti (2002) afirma que o fisioterapeuta e o professor devem trabalhar como parceiros nos cuidados com a criança.

Segundo Lorenzini (1992), cabe ao fisioterapeuta no ambiente escolar instruir o professor sobre o posicionamento e manuseio da criança, assim como orientá-lo na seleção e uso de equipamentos, mobiliários, dispositivos de suporte, adaptações e facilitação dos padrões posturais, tanto no ambiente de sala de aula como em atividades extraclasse, tais como passeios, jogos recreacionais, entre outros. Para Ratliffe (2000), o posicionamento é muito importante, pois ele promove experiências sensoriais apropriadas e também pode facilitar nas habilidades funcionais e na interação com os outros. As adaptações têm por objetivo facilitar e possibilitar as atividades escolares realizadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais, proporcionando um posicionamento adequado de acordo com as necessidades individuais de cada aluno (OLIVEIRA, 2007). A tecnologia assistiva constitui-se um produto que, ao ser utilizado, mantém ou aumenta as habilidades funcionais e contribui para a melhora da capacidade de aprender, competir, trabalhar e interagir com a família e amigos (GALVÃO; OZU, 2005).

De acordo com os resultados, é possível inferir que as profissionais entrevistadas possuem conhecimento sobre a fisioterapia, a sua importância e o quanto é essencial estar dentro do ambiente escolar, entretanto, no decorrer das entrevistas notou-se que elas apresentavam dificuldades em exemplificar como realmente seria o trabalho desse profissional e de que outras maneiras, além das citadas, o mesmo poderia atuar. A fisioterapia também pode contribuir no caminho da inclusão escolar por meio de ações, como educação em saúde para pais, professores, monitores e funcionários da escola (DURCE et al, 2006). Além disso, pode realizar um levantamento/ mapeamento das barreiras arquitetônicas e auxiliar na eliminação das mesmas através de orientações para adaptações adequadas, como banheiros adaptados e espaço entre as

portas para a passagem de uma cadeira de rodas, a fim de melhorar a acessibilidade que favorece a aprendizagem e reduz o risco de quedas no ambiente escolar (MORAES; SCHULZE; BERTOLDI, 2010). Pode, ainda, contribuir com a identificação e avaliação de alunos com dificuldades de aprendizagem e na formação continuada dos educadores, dentre outras formas de atuação (LANDMANN; RUZZA; CHESANI, 2009).

Pelo fato de o objeto de estudo do fisioterapeuta ser o movimento humano e as alterações do mesmo, esse profissional se torna altamente qualificado na facilitação da inclusão escolar de crianças com deficiência física, objetivando torná-las mais capazes e inseridas na sociedade (SILVA; MAZZOTA, 2009). Assim, o fisioterapeuta na escola tem um papel significativo no processo ensino-aprendizagem, identificando defasagens e propondo estímulos, não somente no decorrer de sessões multidisciplinares, junto a outros profissionais, mas também através de orientações passadas ao professor, baseadas nas constatações e adequações aos objetivos trabalhados em sala de aula. Portanto, o papel do fisioterapeuta nas escolas deve ser o de transmitir informações e habilidades fundamentais que possam minimizar as dificuldades das crianças com necessidades especiais, a fim de desenvolver ao máximo suas potencialidades e realizar a inclusão (LORENZINI, 1992).

### Considerações finais

Este estudo envolveu levantamento e análise das concepções de oito professoras, que atuam nas salas de recursos, sobre a fisioterapia no processo de inclusão de escolares com necessidades educacionais especiais e também permitiu o conhecimento dos principais problemas, dificuldades e preocupações vivenciadas por essas profissionais. Apesar da atuação do fisioterapeuta como profissional de apoio à inclusão escolar ser pouco explorada, constatou-se que todas as participantes deste estudo possuem uma concepção positiva em relação à fisioterapia, pois reconhecem a sua importância e o quanto é essencial estar dentro do ambiente escolar e, ainda, conhecem as possíveis contribuições para a inclusão de escolares com necessidades educacionais especiais, mesmo apresentando dificuldades em exemplificar como realmente seria o trabalho deste profissional.

Perguntamo-nos, então, por que este profissional não está dentro das escolas oferecendo o suporte necessário? As políticas brasileiras continuarão apostando na inclusão dos alunos em classes regulares, pois a experiência da última década aponta que a inclusão ocorre, de fato, quando todos os alunos frequentam as mesmas salas de aula, para isso haverá investimentos na contratação e na formação de profissionais (revistaescola.abril.com.br). Com base nesta reportagem e nos resultados obtidos neste estudo, levantamos o seguinte questionamento: será que nestas contratações o profissional fisioterapeuta estará incluído? Ou será que os investimentos serão para capacitar profissionais da educação já atuantes? Os resultados aqui encontrados revelaram que, mesmo com formação específica, as professoras ainda encontram dificuldades para trabalhar com seus alunos e o trabalho em equipe com outros profissionais seria uma das alternativas, pois a criança com necessidades especiais requer esta interação.

Conclui-se que existem possibilidades da fisioterapia poder contribuir na inclusão escolar, porém, ainda há a necessidade do profissional fisioterapeuta reconhecer e conhecer que este é também um dos seus espaços de atuação, para que possa disseminar conhecimento, inicialmente, para a comunidade universitária. Sugere-se que os resultados obtidos neste estudo sirvam como base para novos estudos, bem como para que projetos de extensão universitária sejam desenvolvidos nas escolas, a fim de tentar minimizar as dificuldades e contribuir para a inclusão efetiva, podendo, assim, também ser mais uma maneira da fisioterapia divulgar o seu trabalho para a comunidade escolar.

## Referências

- AMARAL, M. **Processo de inclusão em escola regular:** estudo de caso em uma escola do município de Itauna - MG. 2002. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa: 70, 2004.
- BERNARDI, D. A criança com variação intelectual: o fisioterapeuta na equipe multidisciplinar com enfoque escolar. **Revista de Ciências Biológicas e Saúde**, v. 2, p. 7-13, 2007.
- BERTOTTI, D. Retardo Mental: Foco na Síndrome de Down. In: TECKLIN, J. S. **Fisioterapia Pediátrica.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. **Decreto-Lei n. 938, de 13 de outubro de 1969.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Decreto n. 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6571.htm)>. Acesso em: 22 jun. 2011.
- \_\_\_\_\_. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial**, 1998.
- CAMPOS, J.; DUARTE, M. O aluno com deficiência na EJA: reflexões sobre o atendimento educacional especializado a partir do relato de uma professora da educação especial. **Revista Educação Especial**, v. 24, p. 271-284, 2011.
- CERQUEIRA, M. **Trabalhos acadêmicos sobre educação inclusiva no Brasil.** 2008. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Administração e Comunicação) - Universidade São Marcos, São Paulo, 2008.
- CHESANI, F. **Processo de inclusão escolar:** contribuições da fisioterapia aos educadores. 2007. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Saúde e Gestão do Trabalho) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2007.
- DELIBERATO, P. **Fisioterapia Preventiva:** fundamentos e aplicações. Barueri: Manole, 2002.
- DURCE, K. et al. A atuação da fisioterapia na inclusão de crianças deficientes físicas em escolas regulares: uma visão de literatura. **O Mundo da Saúde**, v. 30, p. 156-159, 2006.
- FARIAS, C. O programa de intervenção precoce como fator de inclusão da criança cega. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 12, p. 44-9, 2003.
- GALVÃO, M.; OZU, M. Fisioterapia na paralisia cerebral In: MOURA, E.; SILVA, P. (Org.). **Aspectos clínicos e práticos da reabilitação.** São Paulo: Artes Médicas, 2005.
- GLAT, R. et al. Educação e saúde no atendimento integral e promoção da qualidade de vida de pessoas com deficiências. **Revista Linhas**, v. 7, n. 2, 2006.
- GIANGRECO, M.; YORK, J.; RAINFORTH, B. Providing related services to learners with severe handicaps in educational settings: pursuing the least restrictive option. **Pediatric Physical Therapy**, v. 1, n. 2, p. 55-63, 1989.
- HEYMEYER, U.; GANEM, L. **O bebê, o pequerrucho e a criança maior:** guia para a interação com crianças com necessidades especiais. São Paulo: Memnon, 2004.

- HOEFELMANN, C. **Contribuições da perspectiva histórico-cultural para o processo de inclusão da criança considerada portadora de deficiência mental.** 2001. Monografia (Especialização em Currículo e Metodologia do Ensino) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2001.
- LANDMANN, L.; RUZZA, P.; CHESANI, F. Espaço educacional e a possibilidade de atuação do fisioterapeuta. **Ciências & Cognição**, v. 12, 2009, p. 83-91.
- LIMA, E. et al. A relação da fisioterapia com o processo de ensino-aprendizagem na visão dos professores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. **Fisioterapia Brasil**, v. 11, n. 5, 2010, p. 368-376.
- LORENZINI, M. O papel do fisioterapeuta em classe especial de crianças portadoras de deficiência física. **Fisioterapia em Movimento**, v. 4, n. 2, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Brincando a brincadeira com a criança deficiente:** novos rumos terapêuticos. 1. Ed. São Paulo: Manole, 2002
- MANTOAN, M. **Inclusão escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, M. **Inclusão escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- MEDEIROS, P.; BECKER, E. Interção fisioterapeuta-professor a partir das necessidades encontradas na inclusão escolar. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 9, p. 49-58, 2009.
- MELLI, R. Verdadeira e simplesmente uma questão de vontade. In: MANTOAN, M. **Caminhos pedagógicos da inclusão:** como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. São Paulo: Memnon, 2001.
- MELO, F. R.; FERREIRA, C. C. O cuidar do aluno com deficiência física na educação infantil sob a ótica das professoras. **Revista brasileira de Educação Especial**, v. 15, p. 121-140, 2009.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento de educação básica. **Observatório dos Apoios Educativos.** Relatório 2003/2003. Núcleo de orientação educativa e Educação Especial. Dezembro de 2003.
- MORAES, J.; SCHULZE, L.; BERTOLDI, D. A fisioterapia na inclusão educacional de uma criança com osteogênese imperfeita. In: **XIII CONGRESSO ESTADUAL DAS APAES.** Blumenau, 2010.
- OLIVEIRA, F. **Estudo do mobiliário escolar durante o desempenho de atividades lúdicas por alunos com paralisia cerebral espástica.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.
- PAULY, C. **A fisioterapia no processo de inclusão escolar de crianças que participam do projeto de atenção integral à saúde de crianças e do adolescente.** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Fisioterapia) – Centro Universitário FEEVALE, Novo Hamburgo, 2008.
- PAULON, S.; FREITAS, L.; PINHO, G. **Documento subsidiário à política de inclusão.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- PRADO, T. **Apostila de Terapia Ocupacional.** São Paulo: São Paulo, 2001.
- RATLIFFE, K. **Fisioterapia na clínica pediátrica:** guia para a equipe de fisioterapeutas. São Paulo: Santos, 2000.
- ROCHA, H. **O atendimento educacional especializado no processo de inclusão:** relato de uma experiência na sala de recursos. 2009. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Petrópolis, 2009.
- ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- SASSAKI, R. **Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho.** São Paulo, 1997.
- SILVA, L.; MAZZOTTA, M. Importância da inclusão escolar na reabilitação fisioterapêutica de crianças com paralisia cerebral. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 9, p. 9-32, 2009.
- SILVA, S.; SANTOS, R.; RIBAS, C. Inclusão de alunos com paralisia cerebral no ensino fundamental: contribuições da fisioterapia. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, p. 263-286, 2011.

## Correspondência

**Marcelli Evans Telles dos Santos** – Rua Iris Valls, 2395 – Bairro Bela Vista – Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil. CEP: 97500-341

*E-mail:* marcelli\_mets@hotmail.com – slarafisio@yahoo.com.br – vanderleifolmer@unipampa.edu.br

Recebido em 26 de agosto de 2014

Aceito em 13 de novembro de 2014